ISSN: 2358-8829

ENTRE VOZES, LIVROS E DESCOBERTAS: CÍRCULOS DE LEITURA E MEDIAÇÃO DOCENTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS FINAIS

Girlene Ramos de Araújo Souto [1]
Joseval dos Reis Miranda [2]

INTRODUÇÃO

A formação de leitores literários nos anos finais do Ensino Fundamental exige mais do que a oferta ocasional de textos ou a verificação de informações explícitas. Ler literatura envolve acompanhar a construção de uma narrativa, perceber escolhas de linguagem, elaborar hipóteses, estabelecer relações com experiências e repertórios e confrontar interpretações. Quando a prática escolar se concentra exclusivamente em respostas fechadas ou em exercícios instrumentais, reduz-se o espaço para que os estudantes experimentem a literatura como forma de expressão artística e como possibilidade de produzir sentidos.

Ademais, a escola ocupa lugar importante na democratização do acesso à leitura literária, especialmente para estudantes cujas oportunidades de contato com livros integrais são limitadas. Entretanto, garantir o acesso material à obra não assegura, por si só, uma experiência significativa. É necessário organizar situações em que os leitores possam permanecer com o texto, formular perguntas, compartilhar impressões e descobrir que suas interpretações podem ser ampliadas no encontro com as leituras dos colegas.

Nessa perspectiva, os círculos de leitura constituem uma possibilidade metodológica para transformar a leitura em prática social e dialógica, ao reunirem leitores em torno de uma obra, favorecem a circulação da palavra, a escuta e a negociação de sentidos. O texto literário deixa de ser apenas objeto de uma tarefa individual e passa a

[1] Mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, girsouto3@gmail.com;
[2]Doutor em Educação e Professor da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, josevalmiranda@yahoo.com.br;

constituir o centro de uma experiência compartilhada, na qual diferentes percepções podem ser confrontadas e reelaboradas.

Este texto apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública de Campina Grande, Paraíba. O estudo investigou estratégias pedagógicas fundamentadas na leitura de literatura juvenil, com foco na mediação docente e na organização de círculos de leitura. A intervenção teve como eixo a leitura integral de “Aos 7 e aos 40”, de João Anzanello Carrascoza, acompanhada de diários de leitura, construção de hipóteses interpretativas, conversas coletivas e registros expressivos inspirados na obra.

A questão que orienta este trabalho é: de que modo os círculos de leitura, mediados intencionalmente pelo professor, podem contribuir para a ampliação das habilidades interpretativas e para a formação de leitores literários nos anos finais do Ensino Fundamental? O objetivo é analisar as contribuições da leitura compartilhada e da mediação docente para a construção coletiva de sentidos, considerando as manifestações dos estudantes ao longo da intervenção.

A discussão está organizada a partir dos dados da pesquisa e dos núcleos de significação construídos na análise. O foco recai sobre a ampliação das habilidades interpretativas, o desenvolvimento da sensibilidade estética, a leitura como prática reflexiva e o papel da mediação docente na sustentação de uma comunidade leitora. Por se tratar de um recorte da dissertação, a redação e a organização analítica foram reformuladas para destacar esse problema específico, mantendo as falas dos estudantes como registros empíricos e identificando-as por seus codinomes.

METODOLOGIA

A investigação adotou abordagem qualitativa, de caráter interventivo, orientada pela pesquisa-ação. O trabalho foi desenvolvido em uma escola pública de Campina Grande, Paraíba, com nove estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental que participaram integralmente da pesquisa, após os procedimentos de consentimento e assentimento descritos na dissertação. Para preservar a identidade dos participantes, foram utilizados codinomes na apresentação e na análise dos dados.

ISSN: 2358-8829

O percurso incluiu uma etapa diagnóstica, a intervenção pedagógica organizada em círculos de leitura e a análise interpretativa dos materiais produzidos. A intervenção foi estruturada em torno da leitura integral da obra Aos 7 e aos 40, de João Anzanello Carrascoza. Os encontros foram organizados para articular leitura, compartilhamento e registro, criando oportunidades de observar elementos narrativos, levantar hipóteses, retomar passagens e refletir sobre as relações entre linguagem, memória, identidade e experiência.

Entre as estratégias utilizadas estiveram a leitura compartilhada, as rodas de conversa, a formulação e a revisão de hipóteses interpretativas, a escrita de diários de leitura e a produção de registros expressivos inspirados na obra. Neste sentido, os diários constituíram um espaço de elaboração individual, no qual os estudantes puderam registrar impressões, dificuldades, trechos significativos e sentidos construídos. As conversas coletivas, por sua vez, permitiram observar como as interpretações eram apresentadas, questionadas, ampliadas ou reformuladas a partir da escuta dos colegas.

Sendo assim, os dados foram produzidos por meio de observação participante, questionário e diários de leitura. A observação permitiu acompanhar a participação e as interações durante os encontros; os questionários contribuíram para conhecer as concepções iniciais dos estudantes; e os diários registraram deslocamentos, dúvidas e interpretações ao longo do percurso. Dessa forma, a combinação dos instrumentos favoreceu uma leitura contextualizada das experiências, evitando que um único registro fosse tomado como evidência suficiente de transformação.

A análise foi orientada pela proposta dos núcleos de significação, com base no percurso de leitura flutuante, identificação de pré-indicadores, agrupamento em indicadores e constituição de núcleos interpretativos, conforme preconizam Aguiar, Aranha e Soares (2021). O recorte aqui apresentado se concentra no segundo núcleo, intitulado na dissertação “As conversas fazem a gente perceber coisas que não viu sozinho”, que articula três indicadores: ampliação das habilidades interpretativas e desenvolvimento da sensibilidade estética; leitura literária como prática reflexiva e construção coletiva de sentidos; e mediação docente e círculo de leitura como estratégia pedagógica.

ISSN: 2358-8829

A interpretação dos resultados considera que a formação leitora é processual e heterogênea. Assim, os avanços observados não são compreendidos como mudanças uniformes ou definitivas, mas como indícios de deslocamentos na relação dos estudantes com a obra, com os colegas e com a própria condição de leitores. A análise também reconhece limites, especialmente quando a resposta sensível à literatura ainda precisa ser acompanhada por maior capacidade de explicitar e sustentar argumentos interpretativos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura pode ser compreendida como experiência estética e formadora, capaz de mobilizar a imaginação, ampliar repertórios e provocar reflexão sobre a experiência humana. Cosson (2014) situa o letramento literário como processo de apropriação da literatura, que não se esgota no contato ocasional com textos, mas requer práticas que favoreçam a leitura, a interpretação e a construção de uma comunidade de leitores. Nessa perspectiva, o trabalho escolar precisa ir além da utilização da obra como pretexto para exercícios e criar condições para que os estudantes vivenciem o texto em sua integridade.

A organização de círculos de leitura é uma das possibilidades para desenvolver essa relação. Segundo Cosson (2023), destaca-se a relevância das práticas coletivas de leitura e da partilha de interpretações na formação do leitor. Ao expor suas impressões e ouvir as dos demais, o participante pode reconhecer aspectos que não havia percebido, reconsiderar hipóteses e ampliar a compreensão. Ou seja, a leitura compartilhada não elimina a experiência individual; ela a coloca em diálogo com outras perspectivas e permite que os sentidos sejam revistos.

Colomer (2017) contribui para compreender a formação literária como processo que se fortalece por meio do contato continuado com obras e da conversa sobre as leituras. Segundo a autora, a discussão coletiva pode ampliar o repertório interpretativo e ajudar o leitor a perceber que o texto admite diferentes respostas, desde que construídas em relação aos seus elementos. O diálogo, portanto, não corresponde à simples soma de opiniões: pode constituir uma prática de leitura em que as hipóteses são justificadas, confrontadas e aprofundadas.

ISSN: 2358-8829

A mediação docente é central nesse processo; neste ínterim, Munita (2024) discute o papel do professor como mediador de leitura, cuja atuação envolve construir condições para o encontro entre leitores e textos, apoiar a elaboração de interpretações e favorecer uma relação significativa com a literatura. Para o autor, mediar não significa fornecer antecipadamente o sentido correto nem deixar a conversa sem orientação, trata-se de propor perguntas, recuperar passagens, solicitar justificativas, acolher respostas provisórias e promover a participação dos diferentes leitores.

A dimensão estética também precisa ser considerada, pois a leitura literária envolve mais do que identificar personagens, espaço ou sequência de acontecimentos: inclui perceber imagens, ritmos, metáforas, silêncios e efeitos produzidos pelas escolhas do autor. A experiência estética pode começar por uma impressão afetiva ou por uma identificação, mas pode avançar quando o leitor passa a observar como a linguagem constrói essa experiência. O trabalho de mediação contribui para que sensibilidade e reflexão não sejam tratadas como dimensões separadas.

A literatura juvenil, nesse contexto, não deve ser compreendida como forma simplificada de literatura, mas como produção artística capaz de dialogar com experiências e perguntas dos adolescentes. A escolha de uma obra integral, como “Aos 7 e aos 40”, possibilita acompanhar o desenvolvimento de motivos narrativos e observar como a linguagem constrói sentidos ao longo do texto. O círculo de leitura oferece, então, um ambiente para relacionar a experiência individual da obra à interpretação coletiva, sem apagar a singularidade das respostas dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos resultados identificados na análise foi a ampliação gradual da atenção dos estudantes aos elementos da narrativa e às escolhas expressivas da linguagem. No início da pesquisa, alguns participantes manifestavam dificuldade para manter a concentração e insegurança diante da leitura. Ao longo dos encontros, as atividades de retomada, as perguntas mediadoras e o compartilhamento de impressões criaram oportunidades para que observassem detalhes, reconhecessem imagens e relacionassem partes da obra. Esse movimento não foi uniforme, mas indicou que a interpretação podia ser desenvolvida por meio de experiências sucessivas e apoiadas.

ISSN: 2358-8829

Um exemplo aparece na atividade em que os estudantes foram convidados a selecionar, em um capítulo da obra, um fragmento que configurasse uma imagem poética. A aluna Devagar identificou o trecho "*Chove nele toda a tristeza que eu tentava disfarçar*" (Diário de Leitura, 2025) como imagem poética. O registro evidencia uma atenção à forma como a linguagem expressa um estado afetivo, para além da recuperação do que acontece na narrativa. A estudante, que inicialmente relatara dificuldade de concentração e de lembrança do que lia, conseguiu destacar uma construção verbal e reconhecê-la como significativa.

Esse episódio deve ser interpretado como indício de desenvolvimento, e não como prova isolada de domínio consolidado da leitura estética, pois a identificação de uma imagem poética é um passo importante, mas a análise de seus efeitos exige também compreender como a expressão se relaciona com a situação narrativa e que sentidos pode produzir. O trabalho pedagógico precisa, portanto, acolher a percepção inicial e convidar o estudante a aprofundá-la por meio de perguntas, releituras e comparação de interpretações.

A ampliação interpretativa também se relacionou à leitura da obra como experiência que convoca memórias e afetos. Os estudantes passaram a registrar relações entre os acontecimentos narrados e suas próprias experiências, percebendo que a literatura pode provocar identificação, estranhamento e reflexão. Esse movimento se aproxima da concepção de letramento literário discutida por Cosson (2014), na medida em que a leitura passa a envolver apropriação de sentidos e participação mais ativa do leitor.

É importante destacar, entretanto, que a resposta emocional não equivale automaticamente à interpretação crítica, em alguns registros, os estudantes conseguiam nomear sentimentos ou indicar que determinada passagem os havia afetado, mas ainda necessitavam de apoio para explicar a relação entre a impressão e os recursos da obra. Esse limite reforça a importância da mediação docente: a experiência estética pode ser o ponto de partida para o aprofundamento da leitura, desde que seja acompanhada por oportunidades de elaborar e sustentar sentidos.

A contribuição mais expressiva dos círculos de leitura apareceu na percepção de que a compreensão de uma obra pode se ampliar quando os leitores compartilham suas observações. A aluna Dia sintetizou essa experiência ao escrever: "*as conversas fazem a*

gente perceber coisas que não viu sozinho" (Diário de Leitura, 2025). A fala evidencia que o diálogo não foi apenas um momento complementar à leitura, mas uma condição para que os estudantes reconhecessem aspectos do texto que não haviam percebido individualmente.

A mesma estudante observou que "*a escrita do autor é diferente, parece que a gente tem que prestar mais atenção*" (Diário de Leitura, 2025). Esse comentário sinaliza uma mudança na postura diante da linguagem: a obra passa a ser reconhecida como uma construção que exige atenção, e não apenas como uma sequência de fatos a acompanhar. A leitura compartilhada, nesse caso, contribuiu para que a estudante percebesse a especificidade da escrita literária e a necessidade de retornar ao texto para elaborar sentidos.

A aluna Som também registrou que "*quando os outros falam, eu começo a lembrar de coisas do livro que não tinha pensado*" (Diário de Leitura, 2025). A fala mostra que ouvir os colegas pode ativar lembranças, recuperar passagens e ampliar a compreensão. A interpretação é, assim, construída processualmente: cada leitor traz uma percepção, e a circulação dessas percepções oferece novas possibilidades de observar a obra. Esse movimento dialoga com Cosson (2023), para quem a partilha constitui dimensão relevante dos círculos de leitura.

O caráter coletivo da interpretação não significa que todas as leituras precisem convergir para uma única resposta. Ao contrário, a diversidade de perspectivas pode enriquecer a experiência, desde que os participantes sejam convidados a explicar suas impressões e a relacioná-las ao texto. O confronto de interpretações permite reconhecer ambiguidades, rever hipóteses e distinguir uma associação pessoal de uma leitura apoiada em elementos da obra. Dessa forma, o diálogo pode contribuir tanto para a autonomia quanto para o rigor interpretativo.

A conversa literária também favoreceu a escuta; assim, para participar, o estudante precisa apresentar sua leitura, mas também considerar o que os demais dizem. Essa dinâmica desloca a aula de uma lógica em que o professor é o único detentor da interpretação para uma prática em que diferentes vozes participam da construção do conhecimento, sem que a responsabilidade pedagógica seja abandonada. O professor

ISSN: 2358-8829

continua atuando para organizar a discussão, garantir a circulação da palavra e manter o texto no centro da conversa.

Os registros analisados indicam que a participação dos estudantes não dependeu apenas da organização física em círculo, mas da qualidade da mediação realizada durante os encontros. Foram propostas questões, retomada de passagens, incentivo à justificativa das interpretações e aberto espaço para que os participantes expressassem dúvidas e impressões. Esse tipo de atuação ajudou a sustentar um ambiente em que a fala dos estudantes era reconhecida como parte legítima da leitura, ao mesmo tempo que se estimulava o retorno ao texto.

A mudança na segurança para participar aparece no registro da aluna Silêncio: “antes eu ficava com medo de falar errado, agora eu falo o que eu senti quando li” (Diário de Leitura, 2025). A declaração revela um deslocamento importante: a estudante passa a considerar possível compartilhar sua experiência sem que a fala seja reduzida à oposição entre certo e errado. Isso não significa abandonar critérios de interpretação, mas reconhecer que a resposta subjetiva pode constituir um ponto de partida legítimo para a leitura, a ser elaborada no diálogo.

Nesse sentido, a mediação docente precisa equilibrar acolhimento e problematização. Acolher significa reconhecer a experiência do estudante, inclusive quando ela ainda está pouco elaborada; problematizar significa ajudá-lo a avançar, solicitando que explique o que no texto provocou determinada impressão, que compare passagens ou que considere outras possibilidades de leitura. O trabalho do professor não se limita a estimular a participação, mas envolve transformar a participação em oportunidade de aprendizagem.

A perspectiva de Munita (2024) contribui para compreender a mediação como ação pedagógica intencional em que o professor organiza as condições de encontro com a obra, propõe formas de aproximação e sustenta a conversa sem monopolizar os sentidos. Nos círculos analisados, essa atuação se articulou à leitura integral, aos diários e às atividades expressivas, oferecendo diferentes meios para que os estudantes se aproximassem da narrativa e compartilhassem suas interpretações.

Os resultados também mostram que a estratégia exige planejamento e continuidade. A disposição das cadeiras em círculo, por si só, não assegura diálogo nem

ISSN: 2358-8829

aprofunda a leitura; é necessário escolher questões produtivas, garantir tempo para a leitura, respeitar ritmos distintos, promover participação equitativa e retomar as contribuições dos estudantes. Também é preciso reconhecer que alguns participantes ainda precisam de apoio para transformar impressões em argumentos e para perceber a relação entre linguagem e sentido.

Assim, os círculos de leitura se mostraram promissores porque articularam leitura individual, expressão subjetiva e interpretação coletiva. Os diários permitiram elaborar impressões próprias; as conversas possibilitaram confrontá-las com outras perspectivas; e a mediação ajudou a relacionar as respostas dos leitores aos elementos da obra. A articulação dessas dimensões contribuiu para que a leitura se tornasse uma prática reflexiva, compartilhada e mais atenta à linguagem literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência desenvolvida com estudantes do 8º ano indica que os círculos de leitura, associados à mediação docente intencional, podem contribuir para ampliar as habilidades interpretativas e fortalecer a formação de leitores literários nos anos finais do Ensino Fundamental. A leitura integral de uma obra juvenil, articulada a diários, hipóteses interpretativas, conversas e registros expressivos, criou oportunidades para que os estudantes se envolvessem com o texto e percebessem a interpretação como processo que pode ser revisto e aprofundado.

As falas de Dia e Som evidenciam que a conversa com os colegas favoreceu a recuperação de detalhes, a ampliação das percepções e o reconhecimento de aspectos que não haviam sido observados individualmente. O registro de Silêncio, por sua vez, indica que a mediação contribuiu para criar maior segurança na expressão de impressões pessoais. Já a atividade de identificação de imagem poética mostrou que os estudantes puderam voltar a atenção para escolhas de linguagem e iniciar uma leitura para além do enredo.

Esses resultados não significam que todas as dificuldades tenham sido superadas; a passagem da percepção sensível para a interpretação argumentada permaneceu como aspecto a fortalecer. Por isso, a mediação precisa combinar a valorização das respostas

subjetivas com perguntas que levem o estudante a justificar suas leituras, observar os recursos expressivos e considerar interpretações alternativas. A formação leitora é um processo contínuo que requer tempo, diversidade de obras e oportunidades regulares de partilha.

Conclui-se que os círculos de leitura podem constituir um espaço formativo quando a leitura compartilhada é planejada como prática de escuta, diálogo e construção de sentidos. A contribuição da estratégia não reside apenas em aumentar a participação, mas em favorecer o reconhecimento do estudante como leitor capaz de interpretar, questionar e ampliar sua compreensão na relação com outros leitores e com a obra. Como recorte de uma pesquisa situada, os resultados não permitem generalizações estatísticas, mas oferecem subsídios para refletir sobre práticas de mediação literária em contextos escolares semelhantes.

Palavras-chave: Literatura juvenil, círculos de leitura, mediação docente, formação leitora, Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. de; ARANHA, E. M. G., & SOARES, J. R. (2021). Núcleos de significação: Análise dialética das significações produzidas em grupo. **Cadernos de Pesquisa**, 51, Artigo e07305. https://doi. org/10.1590/198053147305

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2023.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 e aos 40**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

MUNITA, Felipe. **Eu, mediador(a)**: mediação e formação de leitores. Trad. Dolores Prades. Lauro de Freitas: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2024.

SOUTO, Girlene Ramos de Araújo. **A literatura juvenil e a formação leitora no Ensino Fundamental**: caminhos para uma educação estética. 2026. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2026.